



Eixo 4 – Ciência da Informação: diálogos e conexões

BIBLIOTERAPIA EM HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS: MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO EM PRÁTICAS DE CUIDADO

Bibliotherapy in University Hospitals: information mediation and librarian practice in care activities

Ana Clara de Lima Xavier – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) – anaclara.lx@gmail.com

Dayanne da Silva Prudencio – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) – dayanneprudencio@ibict.br

Resumo: O artigo discute a biblioterapia como prática informacional em hospitais universitários, com ênfase nas possibilidades de inserção do bibliotecário em ações de cuidado humanizado. Trata-se de pesquisa básica, de natureza exploratória e descritiva. Utiliza pesquisa bibliográfica, documental, questionário e entrevista semiestruturada como métodos. Os resultados evidenciam que a leitura mediada é reconhecida como recurso de acolhimento, embora a presença de bibliotecários ainda seja limitada. Conclui-se que a participação desse profissional pode qualificar a curadoria de materiais, a mediação da leitura e a gestão da informação em saúde.

Palavras-chave: Biblioterapia. Bibliotecário. Mediação da leitura. Humanização. Hospitais universitários.

Abstract: The article discusses bibliotherapy as an informational practice in university hospitals, with an emphasis on the possibilities of integrating librarians into humanized care actions. It is a basic study of an exploratory and descriptive nature. The research employs bibliographic and documentary analysis, as well as questionnaires and semi-structured interviews as methods. The results show that mediated reading is recognized as a form of support and care, although the presence of librarians remains limited. It is concluded that the participation of this professional can enhance the curation of materials, reading mediation, and health information management.

Keywords: Bibliotherapy. Librarian. Reading mediation. Humanization. University hospitals.



1 INTRODUÇÃO

As investigações sobre os conceitos e os efeitos da prática interdisciplinar da biblioterapia têm ganhado destaque, em diferentes contextos institucionais, em razão da crescente necessidade de práticas de cuidado mais integradas e sensíveis às subjetividades dos indivíduos (Gusmão; Souza, 2020). Sob tal ênfase, ela articula leitura, escuta e mediação da informação em experiências para a reflexão, o desenvolvimento, o bem-estar pessoal e a promoção da saúde integral (Abreu; Zulueta; Henriques, 2013).

No ambiente hospitalar, a biblioterapia pode contribuir para a humanização da internação por ser uma estratégia alinhada aos princípios da Política Nacional de Humanização, que prevê a promoção de espaços de escuta e de expressão emocional, favorecendo a ressignificação das vivências dos pacientes (Caldin, 2001; Ministério da Saúde, 2013). O diálogo, pois, é essencial: é na interação entre texto, mediador e leitor que o processo terapêutico se desenvolve de forma significativa (Ouaknin, 1996 *apud* Caldin, 2001).

Assim, a seleção dos materiais deve considerar as necessidades emocionais, cognitivas e informacionais de cada indivíduo, exigindo do mediador, domínio do acervo e sensibilidade para entender os limites de cada contexto (Guedes; Baptista, 2013).

Nesse sentido, a biblioterapia se desenvolve como uma prática de caráter interdisciplinar por estabelecer relação entre áreas como Psicologia, Enfermagem e Medicina, reunindo diferentes saberes em torno do cuidado. Na Biblioteconomia, sua aproximação se dá pelo serviço de referência e pelo papel social do bibliotecário, que passa a atuar não apenas na organização da informação, mas também na mediação de experiências informacionais para o bem-estar (Pereira, 1996 *apud* Almeida *et al.*, 2012).

A prática, então, integra discussões mais amplas sobre justiça e acesso à informação em e para saúde, mas, apesar desse potencial, a atuação do bibliotecário em biblioterapia em hospitais universitários brasileiros ainda é pouco explorada e carece de pesquisas empíricas e diretrizes específicas (Xavier, 2025).

Dessa forma, este estudo analisa a atuação do bibliotecário como mediador da informação em práticas biblioterapêuticas desenvolvidas em hospitais universitários da região Sudeste do Brasil. Explora como esse profissional amplia práticas informacionais voltadas à humanização e à promoção da saúde, considerando sempre os limites éticos



e institucionais. Assim, através do diálogo entre Biblioteconomia e Saúde, busca-se fomentar a formação profissional, a responsabilidade social e a ampliação das práticas informacionais para a promoção do cuidado na internação.

2 METODOLOGIA

A investigação caracteriza-se como uma pesquisa básica, de natureza exploratória e descritiva. Trata-se de uma pesquisa básica por se dedicar à aplicação do conhecimento teórico sem finalidade de intervenção imediata, estando fundamentada sobretudo em fontes bibliográficas, com o objetivo de sistematizar e problematizar conceitos já consolidados na literatura.

Seu caráter exploratório justifica-se pela busca de informações sobre a inserção de bibliotecários em práticas biblioterapêuticas nos hospitais universitários da região Sudeste do Brasil. E ao mesmo tempo, assume dimensão descritiva ao examinar as modalidades de biblioterapia identificadas nesses contextos e as contribuições registradas na produção científica da área.

O método adotado foi a pesquisa bibliográfica em três bases de dados, com buscas realizadas em novembro de 2024. Foi utilizado o termo Biblioterapia na Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci) e o termo *Bibliotherapy* na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e na *Web of Science*. A partir dessa estratégia, foram recuperados 86 artigos na Brapci, 3 na SciELO e 23 na Web of Science.

Para o tratamento dos dados encontrados, foi empregada a técnica de análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), por organizar e interpretar as informações a partir de critérios sistemáticos. Essa abordagem favoreceu a inferência sobre as condições de produção e circulação dos dados analisados, de acordo com Severino (2014). Inicialmente, os 112 estudos recuperados foram organizados em planilha contendo título, autor e resumo, e após a seleção daqueles que abordavam conceitos com maior aderência aos objetivos da pesquisa, considerando conceitos, histórico e aplicações da biblioterapia, restaram 20 artigos para análise final.

Paralelamente, realizou-se o mapeamento dos núcleos de acolhimento e humanização vinculados aos hospitais universitários da região Sudeste gerenciados pela Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh). Considerando a diversidade das nomenclaturas institucionais, procedeu-se à análise das descrições formais dos



departamentos, buscando identificar aqueles alinhados às diretrizes da Política Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde (Ministério da Saúde, 2013). Ao final dessa etapa, foram identificadas 17 unidades institucionais.

A essas unidades foi encaminhado, por e-mail, um questionário estruturado com o objetivo de verificar a existência de práticas biblioterapêuticas e a participação de bibliotecários nesses espaços hospitalares. O instrumento permaneceu entre 3 de abril e 29 de maio de 2025. Contudo, obteve-se apenas um retorno, e os dados resultantes foram tratados com estatística descritiva articulada à fundamentação teórica do campo.

Como estratégia complementar, optou-se pela realização de uma entrevista com a gestora do núcleo de cuidado do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle (HUGG/UNIRIO). A escolha da participante ocorreu por conveniência e pela vinculação institucional da pesquisadora. A entrevista foi conduzida com base em um roteiro pré-estruturado, e seu conteúdo foi posteriormente analisado de forma integral.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito de biblioterapia está fundamentado na compreensão de que o ser humano se encontra em constante transformação e, por isso, é capaz de ressignificar as próprias experiências ao longo da vida (Ouaknin, 1996 *apud* Caldin, 2001). Por isso, ela pode ser entendida como uma prática que auxilia nesse processo ao articular texto, subjetividade e mediação da informação, favorecendo a elaboração simbólica das vivências individuais (Xavier, 2025).

A origem do termo remete à junção das palavras gregas *biblíon* (livro) e *therapeía* (terapia) e seu significado não se restringe ao simples ato de ler. Sobre isso, pode-se dizer que:

A leitura implica uma interpretação – que é em si mesma uma terapia, posto que evoca a idéia de liberdade – pois permite a atribuição de vários sentidos ao texto. O leitor rejeita o que lhe desgosta e valoriza o que lhe apraz, dando vida e movimento às palavras, numa contestação ao caminho já traçado e numa busca de novos caminhos. (Caldin, 2001, p. 36).

A prática envolve também diálogo, escuta, comentário e interação entre os participantes, elementos que promovem reflexão e compartilhamento de vivências. Por isso, o texto deixa de ser apenas um suporte informacional e passa a funcionar como mediador entre o sujeito e a construção de novos significados sobre sua própria realidade (Caldin, 2001).



Na perspectiva teórica moderna, a biblioterapia está associada aos estudos de Caroline Shrodes (1949 *apud* Caldin, 2001), que a definiu como um processo dinâmico de interação entre o leitor e a literatura imaginativa, capaz de favorecer mudanças emocionais através de diferentes componentes terapêuticos. Segundo essa abordagem, sustentada pela teoria aristotélica da catarse e por contribuições psicanalíticas freudianas, a prática pode acionar mecanismos como identificação, projeção, introjeção e *insight* (Caldin, 2001). Esses componentes estruturam o processo biblioterapêutico em etapas de elaboração emocional e reorganização das experiências subjetivas.

Para Caldin (2009), uma das potencialidades da biblioterapia está na utilização de textos ficcionais em atividades coletivas, nas quais a leitura compartilhada amplia as possibilidades de elaboração de sentidos. Outros autores, no entanto, ampliam esse entendimento ao considerar também válidas as leituras individuais e o uso de diferentes gêneros textuais, como a autoajuda, desde que a prática esteja orientada para a reflexão e para o desenvolvimento pessoal (Abreu; Zulueta; Henriques, 2013). Dessa forma, a biblioterapia pode assumir formatos distintos, que variam desde ações mediadas por profissionais até experiências autônomas de leitura com finalidade terapêutica.

Segundo Caldin (2009), em civilizações antigas, as bibliotecas eram vistas como espaços de preservação do saber e há registros históricos que associam a leitura à prática de cuidado. Porém, a biblioterapia, como prática sistematizada, passou a se firmar entre os séculos XIX e XX, sobretudo nos Estados Unidos, em resposta às necessidades de apoio em hospitais de guerra, como os da Cruz Vermelha (Xavier, 2025).

Ao longo do século XX, a biblioterapia atravessou diferentes fases de desenvolvimento, passando pela experimentação empírica, pela sistematização metodológica e pela busca de consolidação científica (Beatty, 1962 *apud* Guedes, 2013). Nesse processo, eventos como as guerras mundiais, os avanços nas ciências comportamentais e a atuação de instituições como a *American Library Association* contribuíram para sua institucionalização como prática interdisciplinar.

No Brasil, as primeiras experiências também ocorreram em ambientes hospitalares e, posteriormente, expandiram-se para outros contextos, como instituições de longa permanência, escolas e espaços comunitários. Ainda assim, embora existam iniciativas e formulações voltadas ao incentivo dessa prática em diferentes espaços, o



campo ainda carece de maior padronização conceitual e formativa, permanecendo em um processo de construção teórica e profissional (Gusmão; Souza, 2020).

No que se refere às tipologias, aos modelos e aos processos de aplicação, a literatura apresenta múltiplas classificações para a biblioterapia. De modo geral, é possível identificar três vertentes principais: a institucional, com finalidade informativa e recreativa; a clínica, voltada às questões emocionais em ambientes de saúde; e a desenvolvimental, direcionada ao crescimento pessoal e ao amadurecimento do indivíduo (Pereira, 2016 *apud* Gusmão; Souza, 2020). Outras abordagens distinguem a biblioterapia entre arte e ciência (Rosa, 2006), por exemplo. Ou seja, o campo ainda apresenta diferentes formas de interpretação.

Apesar das variações terminológicas, existe consenso de que sua aplicação exige planejamento, seleção criteriosa dos materiais e compreensão das características do público atendido. Os modelos descritos por Guedes (2013) apontam para etapas que envolvem a seleção do texto, a mediação da leitura, a interpretação das respostas e dos desdobramentos emocionais decorrentes da experiência. Esses desdobramentos podem resultar em processos de transformação, elaboração simbólica ou, em alguns casos, resistência emocional diante dos conteúdos mobilizados.

Embora haja consenso em grande parte da literatura da área, há diferenças na compreensão de mecanismos como projeção e introjeção. Enquanto Caldin (2001), os considera componentes fundamentais para a interação com o texto, Silverberg (2003 *apud* Guedes, 2013), os liga a mecanismos de defesa que podem levar a estagnação ou a recusa de mudanças.

A prática pode envolver leitura compartilhada, narração oral, dramatização e atividades lúdicas, conforme observa Caldin (2009), sendo orientada para estimular a imaginação e a elaboração simbólica por meio do diálogo terapêutico. No contexto hospitalar, a biblioterapia adquire relevância por contribuir para a humanização do cuidado e para o enfrentamento do isolamento frequentemente vivido durante a internação clínica (Valencia; Magalhães, 2015). Nesse ambiente, torna-se especialmente importante a articulação interdisciplinar entre bibliotecários e profissionais da saúde, configurando um campo fértil para práticas integradas.

Entretanto, a formação em Biblioteconomia no Brasil ainda apresenta lacunas no que se refere à capacitação específica para atuação biblioterapêutica, o que dificulta a



institucionalização dessa prática nos serviços de saúde (Gusmão; Souza, 2020). Dessa maneira, a consolidação desse campo demanda diretrizes mais claras, integração curricular e aprofundamento das investigações sobre práticas fundamentadas em referenciais teóricos consistentes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para atender aos objetivos da pesquisa, aplicou-se um questionário *online* aos núcleos de acolhimento e humanização de hospitais universitários da região Sudeste do Brasil, entre 3 de abril e 29 de maio de 2025. Apesar do alcance regional, foi obtida apenas uma resposta, porém o participante demonstrou conhecimento sobre biblioterapia, confirmou a existência dessa prática na instituição em que atua e relatou a participação de bibliotecários na mediação da leitura, seleção e organização do acervo, além do envolvimento de estudantes da área da saúde nas atividades.

Entre os principais desafios para a inserção do bibliotecário nesses espaços, foram apontados o desconhecimento sobre a prática e a resistência de alguns profissionais da saúde em reconhecer a atuação bibliotecária nesse contexto. Ainda assim, destacou o potencial da biblioterapia como estratégia de promoção do bem-estar e reconheceu a importância do bibliotecário na mediação da leitura e na organização das atividades.

Em razão da baixa adesão ao questionário, realizou-se entrevista semiestruturada com a psicóloga Priscila de Oliveira Galvão Casseiro, presidente da Comissão de Humanização do HUGG/UNIRIO e responsável pelo projeto de extensão Florescer: humanização e cuidados paliativos na construção de um hospital compassivo. A entrevista permitiu compreender mais profundamente a prática no contexto hospitalar.

Segundo a entrevistada, o projeto surgiu em 2021 em articulação com a Comissão de Cuidados Paliativos e foi institucionalizado em 2023 como ação extensionista. A leitura mediada constitui uma das principais atividades do projeto e está associada ao prontuário afetivo, instrumento utilizado para conhecer preferências e subjetividades do paciente. A prática ocorre por meio da oferta de livros para leitura silenciosa ou em voz alta, conforme a escolha do participante (Xavier, 2025).



Observou-se que a leitura funciona não apenas como acesso à literatura, mas como dispositivo de escuta e construção de vínculo. Pacientes em maior fragilidade clínica ou com menor rede de apoio tendem a demandar com mais frequência esse tipo de mediação. Embora não existam instrumentos formais de avaliação, relatos informais indicam benefícios relacionados ao acolhimento e ao reconhecimento dos pacientes.

A equipe do projeto de extensão é formada principalmente por estudantes e profissionais das áreas de Medicina, Enfermagem, Psicologia, Nutrição e Serviço Social. Não há participação de bibliotecários ou estudantes de Biblioteconomia, embora a entrevistada reconheça que esses profissionais contribuiriam de forma significativa na curadoria do acervo, organização da informação e qualificação da mediação da leitura.

Entre as fragilidades observadas destacam-se a ausência de curadoria especializada, a inexistência de política formal para desenvolvimento de coleções, a insuficiência de formação continuada dos voluntários e a falta de instrumentos sistemáticos de avaliação. Tais aspectos evidenciam um espaço concreto para a atuação da Biblioteconomia no ambiente hospitalar.

Embora com número reduzido de participantes, as análises do questionário e da entrevista sugerem que a biblioterapia pode contribuir para a humanização do cuidado em hospitais universitários, porém sua consolidação ainda enfrenta obstáculos institucionais e formativos. Nesse cenário, o bibliotecário pode atuar de maneira estratégica na seleção de materiais, mediação qualificada da leitura, organização dos acervos e construção de metodologias de acompanhamento das práticas, fortalecendo sua dimensão social e interdisciplinar.

Autores como Caldin (2001), e Beraquet e Ciol (2010), já apontam o campo da saúde como espaço promissor para a atuação bibliotecária, embora a formação profissional ainda trate de modo limitado às especificidades desse contexto. Dessa forma, a ampliação da participação do bibliotecário em projetos dessa natureza depende da integração entre universidade, hospital e ações formativas interdisciplinares que possibilitem maior reconhecimento institucional da prática.

Diante disso, a criação de cursos de extensão, oficinas multiprofissionais e materiais técnicos sobre biblioterapia pode favorecer a consolidação do campo e ampliar a inserção do bibliotecário em práticas voltadas à humanização hospitalar. Mais



do que organizar acervos, sua presença pode contribuir para transformar a leitura em uma prática informacional de cuidado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar a aplicação da biblioterapia em hospitais universitários, destacando as possibilidades e os limites da atuação bibliotecária nesses espaços. Os dados obtidos sugerem que a prática pode ser utilizada como estratégia de humanização do cuidado, porém, ainda existe um distanciamento entre a formação em Biblioteconomia e os contextos institucionais da saúde, o que reflete na inserção do bibliotecário em iniciativas interdisciplinares.

Observou-se que a ausência de formação específica em biblioterapia e mediação da leitura em contextos hospitalares ainda representa uma das principais fragilidades para a consolidação desse campo. Ao mesmo tempo, a pesquisa demonstrou que a atuação bibliotecária pode contribuir para a organização dos acervos, para a mediação qualificada da leitura e nas práticas informacionais voltadas ao cuidado.

Nesse sentido, a aproximação entre universidade e hospital, especialmente por meio de ações extensionistas, pode ampliar a formação profissional e fortalecer a responsabilidade social da Biblioteconomia. Recomenda-se, então, a realização de estudos mais amplos sobre a presença da biblioterapia em hospitais universitários brasileiros, a fim de melhor compreender esse campo a partir de um número maior de participantes e, com isso, subsidiar futuras estratégias de atuação profissional.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ana Cristina; ZULUETA, Maria Ángeles; HENRIQUES, Anabela. Biblioterapia: estado da questão. **Cadernos BAD**, Lisboa, Portugal, n. 1/2, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/cadernos/article/view/1033>. Acesso em: 23 nov. 2025.

ALMEIDA, Edson Marques *et al.* Biblioterapia: o bibliotecário como agente integrador e socializador da informação. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/17365>. Acesso em: 17 jun. 2026.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, p. 229.



BERAQUET, Vera Silvia Marão; CIOL, Renata. Atuação do bibliotecário em ambientes não tradicionais: o campo da saúde. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 3, p. 127-137, 2010. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/182/182>. Acesso em: 16 jun. 2025.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32–44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32>. Acesso em: 24 dez. 2024.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92575>. Acesso em: 2 jan. 2025.

GUEDES, Mariana Giuberti. **A biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da informação**. 2013. 187 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: http://icts.unb.br/jspui/bitstream/10482/13659/1/2013_MarianaGiubertiGuedes.pdf. Acesso em: 3 jan. 2025.

GUEDES, Mariana Giuberti; BAPTISTA, Sofia Galvão. Biblioterapia na Ciência da Informação: Comunicação e Mediação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 231–253, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p231>. Acesso em: 24 nov. 2025.

GUSMÃO, Alexandre Oliveira de Meira; SOUZA, Elaine Gleice Jerônimo de. A Biblioterapia como ferramenta de restabelecimento emocional. **Investigación Bibliotecológica**: archivonomía, bibliotecología e información, v. 34, n. 85, p. 33-59, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2020.85.58166>. Acesso em: 2 dez. 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). **Política nacional de humanização**: PNH. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2013. Folheto *online* (p. 16). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf. Acesso em: 21 jun. 2025.

ROSA, Aparecida Luciene Resende. **As cartas de Ana Cristina César**: uma contribuição para a biblioterapia. 2006. 84 p. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração Linguagem, Cultura e Discurso) - Universidade do Vale do Rio Verde – UNINCOR, Três Corações, 2006.

VALENCIA, Maria Cristina Palhares; MAGALHÃES, Michelle Cristina. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional. **BIBLOS - Revista do**



Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 29, n. 1, 2016.
Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/4585>. Acesso em: 5 jan. 2025.

XAVIER, Ana Clara de Lima. **Práticas de biblioterapia em núcleos de acolhimento de hospitais universitários da região Sudeste do Brasil**: em perspectiva a atuação do(a) bibliotecário(a). 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2025.

